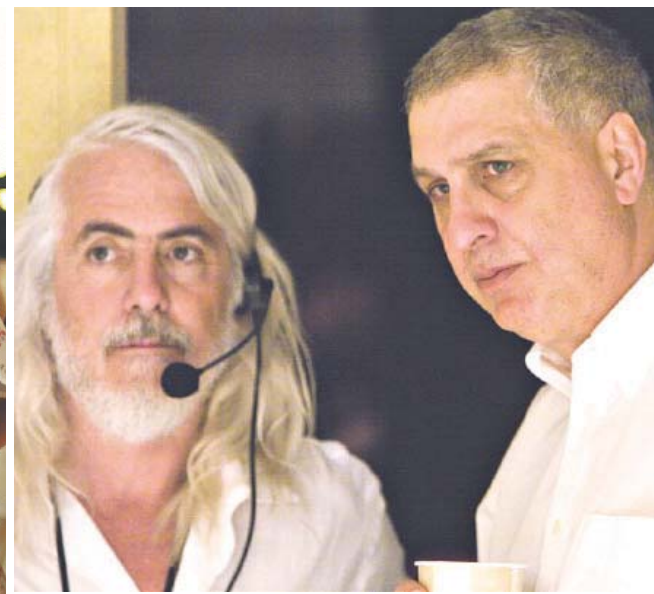
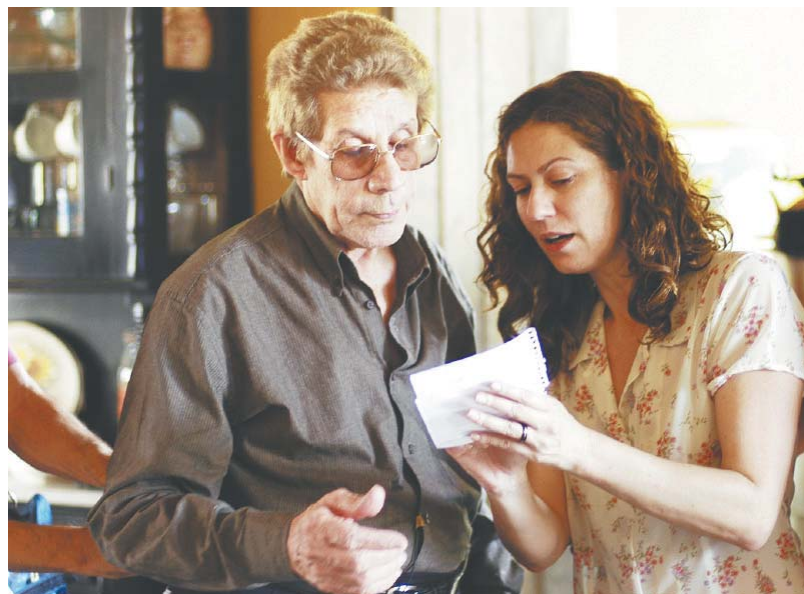


AUDIOVISUAL

Docs migrando entre mídias



◉ **CENAS DO REAL:** Michael Moore, um dos documentaristas mais polêmicos e conhecidos atualmente, divide espaço com documentários nacionais e internacionais de sucesso

O De "gênero" mais antigo do cinema, o documentário amplia horizontes e deixa um pouco de lado as telonas de cinema para invadir as pequenas janelas da internet

FÁBIO FREIRE
Repórter

O cinema nasceu registrando imagens reais do cotidiano, cenas banais que exploravam a realidade, procurando retratá-la sem grandes interferências. Resultado de limitações técnicas e da falta da construção de uma linguagem cinematográfica. O tempo passou. As limitações técnicas ficaram para trás e uma linguagem cinematográfica se estabeleceu, bebendo diretamente na fonte da estrutura literária. Esse "primeiro cinema" que se apoiava na representação de uma verdade fica, então, em segundo plano e as narrativas ficcionais se tornam a principal referência da sétima arte para o grande público.

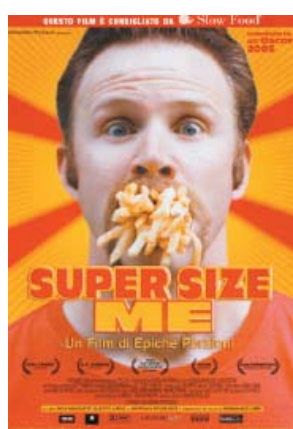
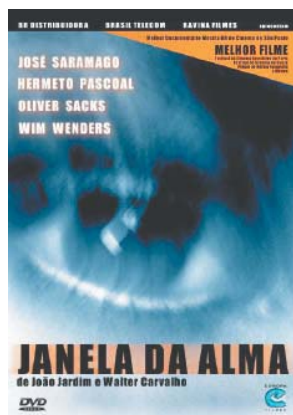
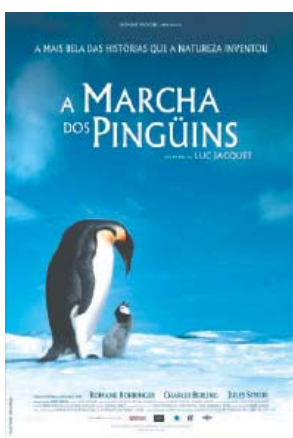
Mas eis que, atualmente, o cinema de ficção começa a passar por uma série de crises. Diminuição de público. Desgaste de gêneros. Repetição de fórmulas. Falta de criatividade. Nem as profundas transformações estéticas, narrativas, tecnológicas e comerciais têm conseguido salvar o cinema ficcional da mesmice. O documentário volta, assim, a ganhar respaldo e a despertar a atenção do público. Sucessos nacionais e internacionais comprovam que o "cinema verdade", ou "cinema de não-ficção", tem conquistado cada vez mais espaço na mídia, lotando salas de exibição e gerando discussão e bilheteria, como comprovam alguns títulos exitosos: "A Marcha dos Pinguins", "Tiros em Columbine", "Super Size Me. A Dieta do Palhaço", "Uma Verdade Inconveniente", "Entreatos", "Jogo de Cena", "Ônibus 174", "Janela da Alma", entre tantos outros.

"O cinema de não-ficção ganhou terreno tanto pelo esgotamento do cinema de ficção, como pela avidez do público pelo conhecimento de novas realidades e novos olhares sobre a sua realidade", comenta o cineasta Joel Pizzini, que esteve recentemente em Fortaleza apresentando uma palestra e ministrando uma oficina sobre o processo de criação no documentário para web, dentro do projeto Itinerâncias Rumos 2009, do Itaú Cultural.

Reino da reportagem
"A vivência humana é insubstituível e certos documentários recuperam a percepção sensível do mundo, através de abordagens mais intimistas e menos espetaculares que proporcionam ao mesmo tempo, uma experiência sensorial e "transcendente", reflete o cineasta. "Há autores que adotam um subjetivismo objetivo que atinge uma dimensão estética, equilibrando forma e conteúdo. Você assiste ao filme, se emociona e reflete ao mesmo tempo, ao contrário de certos documentários que te congestionam de dados e estatísticas, saciando superficialmente nossa sede de informação e conhecimento".

Daí certo preconceito em relação ao formato, principalmente no Brasil, conforme acredita Pizzini. "O grande público no País acredita ainda que documentário não é filme, e sim algo do reino da reportagem que se apoia no mito 'baseado em fatos reais', explorando, inclusive, pelas produções de ficção", lamenta. "Em uma visão geral, o cinema requer o sentido do ilusionismo, de espetáculo, que nos descole da realidade durante a sessão no ambiente escuro. Agora, por que o documentário não pode examinar o real de outros pontos de vista não ancorados no mundo objetivo?", pergunta.

Dessa forma, é o documentário que passa a experimentar



linguagens, testar novos formatos e suportes e migrar das mídias audiovisuais convencionais (cinema e televisão) para a coqueluche do momento, a internet. "Sem dúvida, a internet é mais um campo potencial, mas que favorece ainda um tipo determinado de expressão, de curta duração, que se adapte a certos limites da recepção solitária da web", explica. "A web é um suporte poderoso de especulação, pesquisa e experimentação, mas que não substitui, por exemplo, o aspecto ritualístico e sociável do cinema. Ela envolve uma sensibilidade tecnológica, gráfica e o domínio de outro código de escala e utilização da luz".

Forma de expressão

Recém premiado no Los Angeles Brazilian Film Festival, com o documentário "Anabazys", sobre o polêmico cineasta baiano Glauber Rocha, Pizzini é um entusiasta do formato, o qual não limita a um "gênero cinematográfico". "Não creio que o chamado documentário seja um gênero. Gênero, pra mim é suspense, drama, terror etc...", cita Pizzini. "O documentário é uma forma de expressão que pode transitar em todos eles. Submetê-lo a um gênero, pode levá-lo ao gueto da grade, legitimar uma cultura que supervaloriza o tema, o assunto, em detrimento do método", discorre o cineasta.

A partir dessa idéia, várias escolas cinematográficas propõem formas diversas de se realizar um documentário. "Há, hoje, no Brasil um núcleo de autores e filmes que rompem com os limites clássicos do documentário. Esse núcleo permite ao espectador uma fruição estética muito além da ditadura do tema ainda predominante, lançando mão de procedimentos, às vezes, comuns ao cinema de ficção, em nome da 'verdade do cinema e não da verdade no cinema', como enunciava Jean-Rouch", finaliza Pizzini. ◉

ENTREVISTA JOEL PIZZINI*

"O mais difícil, hoje, não é registrar uma imagem, e sim rejeitá-la"



Enquanto realizador, quais as novas possibilidades que os documentários feitos para a web trazem ao formato?

A web não é meu território especial, até porque sou de uma geração educada no ritual do cinema, e que desconfia muito de uma certa cultura tecnológica em voga, que em suma, creio que o "meio supera a mensagem". Acredito ainda que o audiovisual possa se contaminar do convívio coletivo, do intercâmbio criativo que legitime uma obra de arte como fenômeno de seu tempo. Não me alinho com uma visão egóica e eremítica, que vê nas novas mídias um espaço da solidão libertária e expansão das tribos virtuais como negação do corpo-a-corpo que caracteriza o ato da criação artística. A interatividade é um forma multiplicadora de contato com o outro e pode enredar toda uma sociedade, mas não substitui a electricidade inerente ao contato pessoal. É preciso saber usar o meio, a web, o pincel, para que ele possa justificar os fins. A web e o documentário, antes de mais nada, são palavras pouco poéticas, há que se colocar em dúvida a sonoridade que encerram. Não me deslumbro com a tecnologia, vibro, é claro, com cada novo recurso descoberto, para ampliar a palheta e poder chegar mais perto da essencialidade, pois o difícil mesmo é fazer o fácil. E a simplicidade deve ser vista como um ponto de chegada e não de partida, senão acaba justificando a lei do menor esforço.

Atualmente, vivemos um momento de produtos culturais extremamente efêmeros e com relevância cada vez menor. Até que ponto a internet contribui para esse cenário?

Tudo é uma questão de postura. Nada muda no mundo a não ser o ponto de vista sobre as coisas. A questão que se coloca é como exercer esses pontos de vista? O [poeta russo] Maiakovski já dizia que não há conteúdo revolucionário sem uma forma revolucionária. A web pode ser essa forma revolucionária desde que não vire uma ferramenta ensimesmada, que possibilite virtuosismos infinitos, ignorando os conteúdos sociais e políticos que após os desencantos ideológicos seguem nos atormentando. Recorrer ao esoterismo digital não dá conta dos dilemas de nosso tempo. É cômodo termos atitude cética e descritiva: já que a realidade é histórica, efêmera e fragmentada, vamos fazer filmes de acordo com essa dinâmica... É um pensamento simplista que alimenta grande parte da produção contemporânea. Neste caso, se você realizar um filme em plano-sequência que se contraponha a esse caos evidente, corre-se o risco de surgir algo inquietante, pela via de oposição de não confirmação puramente. O mais difícil, aliás, hoje, não é "registrar" ou "escolher" uma imagem, e sim "rejeitá-la", dada a saturação de signos a que estamos submetidos. ◉

*Cineasta